



## MANIFESTAÇÃO PÚBLICA

### **Violência política de gênero e a ameaça às mulheres. Em apoio à vereadora Benny Briolly.**

A primeira vereadora trans de Niterói, Benny Briolly (PSOL), teve que deixar o país em razão de ameaças de morte que vem recebendo desde o início de seu mandato. A ameaça se soma a agressões racistas e transfóbicas constantes.

A liberdade de expressão e o direito à manifestação política constituem pilares centrais da democracia. Com a escalada das forças autoritárias no Brasil, pesquisadoras, jornalistas, políticas e ativistas de direitos humanos brasileiras estão permanentemente na mira de ataques e ameaças por parte de grupos extremistas. O assassinato brutal da vereadora Marielle Franco (PSOL) em 2018 é um marco nessa violência que procura abafar vozes críticas.

A violência política de gênero é reconhecida internacionalmente como uma reação à maior participação das mulheres, indivíduos e grupos que desafiam o caráter patriarcal, heteronormativo e branco da política. Além de física, ela pode ser também psicológica, simbólica e econômica. É direcionada a mulheres atuantes na esfera pública, mas também a seus familiares e amigos. O que torna a violência de gênero específica em relação à violência política em geral é que ela procura silenciar as mulheres e funciona como uma espécie de mensagem para outras mulheres de que o custo de atuar é alto demais.

Apenas nos últimos meses, as representantes eleitas Érika Hilton (PSOL), Ana Lúcia Martins (PT), Linda Brasil (PSOL) e Talíria Petrone (PSOL) denunciaram essa violência. No âmbito científico, as professoras Lola Aronovich (UFC) e Debora Diniz (UnB) são casos extremos de perseguição constante. Diniz, em particular, está fora do Brasil desde 2018, sendo vítima de ameaça terrorista que coloca em risco não só a vida da pesquisadora, mas também de sua família e de outras pessoas no campus da UnB. Somam-se a esses casos extremos denúncias diárias de professoras de ensino médio e universidades que se sentem constrangidas ou com medo de falar de assuntos como gênero e sexualidade em sala de aula.

Sabemos que os casos de Franco, Aronovich e Diniz são apenas a ponta do iceberg que revela uma estrutura profundamente violenta. O Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo (Transgender Europe) e que assassina aproximadamente 5 mulheres por dia (Rede de Observatório da Segurança). Segundo o último Atlas da Violência, 75,5% dos homicídios são de pessoas negras. Com a pandemia, esses números pioraram.

A Rede Brasileira de Mulheres Cientistas tem como um dos seus eixos a violência contra as mulheres, em suas múltiplas expressões. Nesse momento, manifestamos apoio à vereadora Benny Briolly (PSOL) e solicitamos investigação e medidas protetivas imediatas das autoridades locais e nacionais. A violência não pode ser o curso da atuação das mulheres na política e na esfera pública.